

**CONFERÊNCIA INTEGRADA NO SEMINÁRIO EVOCATIVO DA GRANDE GUERRA, NO MUSEU NACIONAL DA IMIGRAÇÃO EM PARIS, PROFERIDA EM 10 DE DEZEMBRO DE 2016, PELO PRESIDENTE DA LIGA DOS COMBATENTES GENERAL JOAQUIM CHITO RODRIGUES**

## **O SOLDADO PORTUGUÊS NA GRANDE GUERRA E A LIGA DOS COMBATENTES**

É um prazer e uma honra participar neste seminário evocativo do Centenário da Grande Guerra.

Há precisamente cem anos (1916) o poder político em Portugal, decidiu empenhar as suas Forças Armadas, no centro da Europa, integradas no Exército Inglês defendendo o território francês e interesses comuns.

Dois anos antes (1914) sem qualquer declaração de guerra, as Forças Armadas portuguesas batiam - se na frente africana, contra a mesma ameaça, defendendo as suas colónias no respeito da conferência de Berlim.

Numa breve análise da história, rapidamente se constatará que não houve seculo algum da história de Portugal, em que as Forças Armadas Portuguesas não tivessem que ser empregues em defesa dos interesses superiores do país.

Em 1916, Portugal, com metade da população de hoje, com 80% de portugueses trabalhando na agricultura e 75% de analfabetismo, debatia-se com a crise resultante da mudança de regime monárquico para república e com reformas estruturais.

Logo em Janeiro de 1912 com uma greve geral em Lisboa em solidariedade com trabalhadores rurais do Alentejo, enquanto em Londres por nota oficiosa se desmentiam os boatos de que da Inglaterra e a Alemanha haviam chegado a acordo na divisão das colónias portuguesas de África. Era o começo das razões da decisão de Portugal entrar na GG 1914/1918, ao lado dos aliados:- defesa dessas mesmas colónias.

Nessa nossa história estão também incluídos aqueles combatentes que na segunda metade do século XX se bateram ou caíram na guerra em África nos anos 1961 a 1974, bem como aqueles que a partir de 1995 caíram ou participam nas missões de manutenção ou imposição da paz e humanitárias, ao serviço das Forças Armadas portuguesas.

Os anos de 1918, fim da GG, 1974 fim da guerra em África e 1995 início das Operações de Paz e Humanitárias, são para os combatentes portugueses de hoje, a memória viva que os move e comove e que os leva, há décadas, a convergir na evocação de todos os Combatentes, no dia 9 de Abril, dia da Batalha de La Lys, no coração da França, durante a GG.

Desta abordagem aleatória de momentos cíclicos e decisivos da nossa história, surgem-nos dois fatores permanentes, sempre presentes:

- Os combatentes organizados em Forças Armadas e o carácter nacional do seu emprego.
- Foram os Combatentes e um carácter nacional que no século XII e XIII conduziram à formação de Portugal.
- Foram os combatentes e o carácter nacional que No séc. XIV conduziram à garantia independência de Portugal.
- No século XV nas diversas guerras com Castela e no domínio dos mares.
- No século XVI estiveram presentes na invasão de Portugal pela Espanha e em confrontos em várias partes do mundo.
- No séc. XVII nas guerras de restauração com a Espanha, na Índia, no Brasil e com a Holanda em diversos cantos do mundo.
- No séc. XVIII nas guerras com Espanha, Índia e África.
- No século XIX fazendo frente a três invasões francesas e a uma guerra civil.
- No séc. XX na I e II Grande Guerras Mundiais e na Guerra do Ultramar na Índia e em Africa.

Não houve, de facto, século da história de Portugal em que os combatentes como parte integrante dos Exércitos e das Forças Armadas portuguesas não tivessem que ser empregues mais que uma vez na defesa dos valores e interesses vitais do país. Tal significa que houve ciclos de crise que precederam ou se seguiram aos períodos críticos dos conflitos. Todos vencidos. Todos ultrapassados. Mas todos criadores de sacrifícios e de períodos de sofrimento e muito luto. Se da análise das informações estratégicas prospectivas é difícil tirar conclusões futuristas credíveis, da análise das informações estratégicas de base, como o factor histórico, é verosímil concluir ser provável que ao longo do século XXI, Portugal venha igualmente a ser confrontado com situações que exijam do poder político, a aplicação das Forças Armadas em missões vitais para o país. São esses factores de base e não só a instabilidade ou o tipo de ameaça de hoje, que exigem sentido estratégico e de estado, pois ninguém poderá perspetivar a situação das ameaças a Portugal no séc. XXI, para além daquelas que exigem hoje o emprego de Forças Nacionais Destacadas em três continentes.

Mas a História é factor de alto interesse estratégico na determinação de probabilidades futuras.

Daí o interesse dos seminários que V<sup>as</sup> Ex<sup>as</sup> vêm realizando.

A minha intervenção procurará contribuir para o louvável esforço destes seminários, para a Reconstituição e Conservação das Memórias e para que, um dia, venham a ser atingidos objectivos de Paz e Segurança.

Com essa finalidade proponho-me abordar o tema em quatro ópticas:

1. Necessidade de inscrição na memória colectiva francesa do que foi a participação e acção das Forças Armadas Portuguesas em França, durante a Grande Guerra;
2. Desmistificação do que parece ser aceitação comum, em Portugal e não só, relativamente ao que denominam de desastre ou tragédia de La Lys (uma batalha decisiva para o Corpo Expedicionário Português) e Naulila em Africa,
3. Liga dos Combatentes, uma feliz e útil consequência da Grande Guerra, em Portugal;
4. Vestígios actuais resultantes da presença do soldado português em França, durante a Grande Guerra.

## **INSCRIÇÃO NA MEMÓRIA COLECTIVA DA POPULAÇÃO FRANCESA DA PARTICIPAÇÃO DE PORTUGAL NA GRANDE GUERRA**

Recordemos o que aconteceu no ano de 1917, ano em que Portugal entrou na frente de combate, em França, há precisamente 99 anos.

Evoquemos este 99º aniversário da entrada de Portugal na GG, salientando factos significativos.

A 2 de Fevereiro desse ano as primeiras forças do CEP começam a desembarcar em Brest e a 4ª missão militar a deslocar-se para Moçambique.

A 4 de Abril de 1917 entrou em linha, há precisamente 99 anos, a primeira unidade portuguesa, dois meses depois de ter chegado a França. Nesse mesmo dia era morto o primeiro militar português António Gonçalves Curado. No mês seguinte tínhamos sofrido os três primeiros prisioneiros a que se seguiram as primeiras tropas afectadas por gases de guerra.

Só em Setembro acabou de se completar a entrada da 1ª Divisão portuguesa no sector da CE britânico, Ferme du Bois, Neuve Chapelle, Fauquisart, estando a 2ª Divisão em reserva.

Simultaneamente, em Novembro, Portugal enviava para Moçambique a quarta expedição para fazer frente ao exército alemão e onde se viriam a sofrer 4.800 mortos em combate e por doença, para além de cerca de 100.000 civis, mas a manter intactos os interesses de Portugal e as fronteiras que ainda hoje são as fronteiras Norte de Moçambique independente.

Ainda nesse mês de Novembro de 1917, em França, foi executada a pena de morte a que foi condenado pelo tribunal de guerra do CEP, o soldado João Augusto Ferreira de Almeida, pelo crime de traição.

Foi o único caso verificado, ao contrário de centenas de casos que sucederam nos exércitos, francês, inglês e outros países participantes. Será oportuno sublinhar que este caso do Soldado João Almeida tem uma proposta da Liga dos Combatentes com vista ao seu perdão já que esse perdão está tacitamente aceite há muito, dado que o soldado Almeida embora condenado, tem os seus restos mortais sepultados no cemitério de Richebourg, em França, ao lado dos seus 1830 camaradas, ali sepultados e caídos ao serviço da Pátria.

Foi também organizada a Esquadilha expedicionária a Moçambique tendo o Alferes Gorgulho, saindo de Mocimboa da Praia, realizado o primeiro voo de reconhecimento em África a 7 de Setembro, tendo falecido no dia seguinte por queimaduras resultantes da queda do seu avião.

Com forças na frente de combate, Portugal assiste a uma retaguarda politicamente frágil que conduziu a 5 de Dezembro à revolta de Sidónio Pais, à instalação de uma ditadura militar e à aceitação de uma proposta inglesa relativa ao CEP que o diminuiu como força representativa do país.

Podemos, finalmente, concluir que no ar, no mar e em terra, os nossos combatentes comportaram-se com bravura, rusticidade, dignidade e com grande espírito de cooperação e mereceram participar nas comemorações de vitória em 1918.

É pois com este sentimento de país vitorioso da história, por mais austera e difícil que ela tenha sido para os portugueses, que devemos encarar o presente e o futuro. Sistemáticamente somos confrontados, ao falar com cidadãos franceses sobre a grande guerra e a participação de Portugal nesse conflito, com uma atitude de admiração e

surpresa quando afirmamos e descrevemos o que foi para nós essa participação e o facto de termos estado combatendo em França ao lado das suas forças armadas.

O que é para nós o episódio decisivo da nossa actuação, a Batalha do Lys, aquando da ofensiva alemã George, é para a população francesa completamente desconhecido.

Aliás foi também com surpresa que no primeiro livro lançador em França das evocações do centenário da Grande Guerra, Portugal não aparecia como país participante, o que levou o governo português a recomendar a sua inclusão.

Algumas razões podem justificar esta situação.

O facto das Forças Armadas Portuguesas terem actuado, não de forma independente, mas integrados no Exército Inglês e não no Exército Francês; o facto de só termos decidido entrar na guerra dois anos depois do seu início (1917/ 1918) e finalmente termos participado apenas com um Corpo de Exército, unidade que se diluiu entre os diversos exércitos empregues de ambos os lados do conflito.

Apenas em Pás de Calais, a Mairie de Richebourg e de Lá Couture, onde temos o nosso cemitério com 1831 campas e um significativo Monumento, nos acompanham anualmente nas cerimónias que a Liga dos Combatentes ali continua a realizar com a presença de entidades oficiais portuguesas e francesas.

Relevante para um país como Portugal, acabado de deixar o regime monárquico e instaurado havia quatro anos um regime republicano, com uma instabilidade política e económico financeira terríveis, ter-se batido em três frentes a dezenas de milhares de quilómetros da base de retaguarda: - Moçambique, Angola e França.

A França que cem anos antes, com Napoleão, se constituía em ameaçador inimigo de Portugal, com três invasões do território nacional, foi durante a Grande Guerra o chão sagrado a defender pelos soldados portugueses, em situações dramáticas, de ambiente operacional e falta de apoios no teatro de operações ou vindos da base da retaguarda, esta em permanente convulsão política.

À população francesa, deve pois ser transmitido, neste período de evocação deste primeiro holocausto do século XX, que Portugal esteve presente a seu lado, na defesa do seu chão e dos mesmos valores e que os soldados portugueses aqui lutaram, morreram e muitos escolheram a França para viver o resto das suas vidas. Ao longo do tempo histórico e estratégico que nos separa da Grande Guerra, houve sempre uma ligação muito sentimental entre os antigos combatentes portugueses e combatentes

franceses, sendo a Liga dos Combatentes da Grande Guerra, hoje Liga dos Combatentes e a Souvenir Français promotoras de cerimónias periódicas.

Assinalo a título de exemplo a participação do fundador da Liga dos Combatentes João Jayme Faria Afonso, em 1938, em cerimónia evocativa do 20º aniversário do Armistício, no Arco do Triunfo onde com a chama trazida de Portugal acendeu a chama da Pátria no Arco do Triunfo. Ou as mais altas condecorações portuguesas da Torre Espada Valor Lealdade e Mérito atribuídas a cidade de Lille e a Cidade de Arras, ou mais recentemente as condecorações dos Maires de Richebourg e De Lacouture pela Liga dos Combatentes, numa demonstração de entendimento, reconhecimento e interesse pela história e conservação das memórias comuns, ou finalmente as excelentes relações de hoje entre a Liga dos Combatentes e a Souvenir Français em Portugal.

## **A PARTICIPAÇÃO DO SOLDADO PORTUGUÊS NA GRANDE GUERRA E NOS CONFLITOS DO SEC XX E O MARCO HISTÓRICO QUE REPRESENTA PARA OS PORTUGUESES A BATALHA DO LYS**

É uma “comunhão de afetos” que nos reúne aqui hoje.

Colocamos mais uma pedra naquilo a que venho chamando de Império da Alma. Portugal e França sabem o que têm ganho e perdido ao longo da sua história. Ambos continuam tendo o seu Império da Alma.

Relativamente a Portugal, geograficamente, desfizeram-se impérios - o império da Índia, o Império do Brasil, o Império de África - mas não perdemos o Império da Alma.

É esse Império constituído por milhões de portugueses espalhados pelo mundo, incluindo a França, que importa aglutinar, aprofundar espiritual, patriótica, cultural e economicamente, ligando-os organizadamente em rede, reforçando o conceito da nossa Pátria secular.

Desenvolvemos assim as nossas Forças Morais e Materiais, como factor do nosso Potencial Estratégico Nacional.

O século XX e o século XXI contribuíram para a evidência da necessidade desse Império da Alma português, ser fator importante para a nosso comportamento e força, nos organismos internacionais como a ONU, a UE ou a CPLP.

La Lys em França (1918) e Naulila em Angola e Moçambique a partir de 1914, são episódios que, como a guerra do Ultramar (1961/1974) contribuíram para a necessidade de hoje se evidenciar esse nosso Imperio da Alma, pois muitos insistem terem sido

derrotas, desastres ou mesmo tragédias militares. Não comungamos desta leitura da história.

Quatro constantes porém, importa, em permanência, ter em consideração e evidenciar na atuação do soldado português:

- Em primeiro lugar, durante todo o século XX e XXI, o soldado português ao serviço das nossas forças armadas empregues na grande guerra, na guerra do ultramar e nas operações de paz, nunca iniciou as hostilidades nem invadiu nunca nenhum país, nem território.
- Uma segunda constante. O soldado português nas nossas forças armadas foi sempre empregue longe da sua base de retaguarda, a milhares de Km de distância do seu berço, num esforço heróico e hercúleo. Assim aconteceu na Grande Guerra, na Guerra do Ultramar e acontece hoje nas Operações de Manutenção da Paz. São duas constantes históricas que prologam a nossa trajectória secular e acrescentam valor humano à nossa posição e figurino internacionais.
- Em terceiro lugar face ao emprego das nossas forças armadas, salvo a guerra do ultramar 1961-1974, o soldado português teve que se adaptar sempre e integrar-se em formas de actuação diferentes, em exércitos aliados.
- Finalmente uma quarta constante que importa combater frontalmente com base na investigação e no estudo histórico e científico do factor militar, nos conflitos em que tomámos parte no seculo XX e XXI: o negativismo.

É frequente tratar a nossa participação militar na Grande Guerra, nomeadamente em Africa (NAULILA) e em França (LA LYS), como uma grande derrota militar. Chega mesmo a afirmar-se que não houve nada pior, depois de Alcácer Quibir, (Batalha no Norte de Africa onde Portugal perdeu o seu Rei D. Sebastião). De Naulila, e de La Lys fala-se de “desastre” e de “tragédia”. Da guerra do ultramar há quem afirme que perdemos militarmente a guerra. Para além da comunhão de afectos num verdadeiro Império da Alma que importa desenvolver, há que, para o fortalecer, eliminar a tendência para evidenciar a leitura negativa dos factos, o derrotismo, deixando de olhar sistematicamente para o negativo que surge para lá do monte e nunca evidenciar o positivo que se nos apresenta, quando olhamos para lá do horizonte.

Em La Lys, integrados no I Exército Inglês, sofremos com eles a rotura da frente perante uma ofensiva poderosa, contribuímos para que a retirada permitisse a continuação da batalha noutra frente e cinco meses depois desfilávamos em França celebrando a vitória daqueles com quem nos tínhamos aliado. Em termos de estratégia operacional e geral vencemos. Em Naulila, Angola, depois de um primeiro êxito português em Outubro,

seguiram-se retaliações que culminaram com a confrontação em 18 de Dezembro, entre 8000 efetivos alemães e 2000 efetivos portugueses.

Após o confronto de que resultaram 12 mortos e 30 feridos do lado alemão e 69 mortos e 76 feridos do lado português, ambas as forças retiraram ordenadamente, sem perseguição e da parte das forças alemãs foi enviado emissário apelando à paz.

Nenhum dos lados de pôde considerar vencedor.

A acção contribuiu decisivamente para que após reforços o general Pereira D'Éça pudesse restabelecer a ordem e as fronteiras que, cem anos depois, ainda hoje vigoram entre dois países independentes.

Naulila não deve pois ser vista como uma tragédia ou um desastre, mas como uma contingência táctica que contribuiu para uma vitória da estratégia operacional e geral, garantindo a manutenção das colonias por parte de Portugal.

O mesmo sucedeu em La LYS.

Quanto à guerra do ultramar é bom que reafirmemos que as Forças Armadas, ressalvando a Índia portuguesa, nas condições conhecidas, não perderam a guerra, como por vezes se lê e houve.

É pois importante que neste momento em que se aprofunda e investiga a história de acontecimentos bélicos, como a Grande Guerra, que se sublinhe e se desenvolva uma leitura positiva e abrangente em termos militares, abandonando de vez, a leitura catastrófica de episódios menos felizes em termos tácticos, mas que se valorizem, como contribuição para vitórias, se os enquadrarmos em termos estratégicos e mesmo políticos.

É com esse espírito e visão que estamos aqui valorizando os feitos das tropas portuguesas em África e em França, na Grande Guerra, e a enaltecer a determinação, feitos e sacrifícios dos seus soldados.

## **LIGA DOS COMBATENTES UMA FELIZ E ÚTIL CONSEQUÊNCIA DA GRANDE GUERRA EM PORTUGAL**

Primeira República, Primeira Guerra Mundial. Liga dos Combatentes. Trilogia que marca, ainda hoje, o século XX português. Sacrifício, Guerra. Solidariedade. Outra Trilogia que



marcando toda uma época se transmitiu de combatente em combatente, de família em família, até aos nossos dias.

O 9 de Abril de 1918, dia da Batalha do Lys, é hoje evocado como Dia do Combatente, em Portugal.

É no nosso sentir profundo, um símbolo do conhecido esforço do soldado português ao longo dos séculos.

O 11 de Novembro, Dia do Armistício, transformou-se no país e em toda a Europa, num verdadeiro Dia da Paz entre as Nações.

Em Portugal o fim da guerra e o regresso dos soldados a Portugal conduziria à incúria e ao abandono a que foram votados os combatentes que ultrapassou os limites da paciência e do razoável.

Completamente desprovidos do mínimo auxílio legal, esquecidos e ignorados de tudo e de todos restando-lhes só o recurso de lamentarem as suas dores e as suas misérias.

Um grupo de Combatentes, liderados por um soldado ferido em combate na Flandres, promovido a sargento após regressar a Portugal, depois advogado decide então, em 1921, fundar o que designou por Liga dos Combatentes da Grande Guerra.

Nascia uma Instituição que se mantém hoje com os mesmos objectivos: a promoção e defesa dos valores e a prática da solidariedade para com os combatentes e famílias.

Nós, Liga dos Combatentes, herdeiros dos valores morais e materiais de uma História e de uma Tradição patriótica, humanista e cosmopolita, escrita pelos Homens-Soldados com suor e sangue português na lama europeia da Flandres e nas florestas e capins de Angola e Moçambique, continuamos a afirmar no centenário daquele holocausto e a testemunhar dizendo em voz forte: **A Liga dos Combatentes não esquece** nem esquecerá.

E a estrada da História marcou-nos, geração do fim do século XX, com fenómeno semelhante atirando-nos para terras africanas à procura da forma de melhor defender os interesses vitais do país, com os sacrifícios e o sangue que só a Pátria tem direito de exigir.

Hoje, somos conhecedores da misericórdia, solidariedade, apoio mútuo que ao longo de quase um século, a Liga dos Combatentes vem garantido a combatentes deficientes,

traumatizados, idosos, carenciados, excluídos socialmente incluindo suas famílias, numa acção complementar dos deveres do Estado, sem nunca ter fechado as suas portas.

Isto permite-nos gritar bem alto, àqueles que se batem hoje fora das fronteiras do país, na defesa dos interesses nacionais, que vale a pena respirar o ar do dever cumprido. E se algum dia, após o regresso, a vida os trair, sabem que existe uma Instituição Perene que os apoia hoje e apoiará no futuro.

O Passado, o Presente e o Futuro, trilogia da Vida conjugam-se na Liga dos Combatentes, desde a Primeira República aos nossos dias, sempre da mesma forma:

- Promoção dos Valores;
- Prática da Solidariedade;
- Permanente defesa dos direitos e deveres do Combatente português.
- Promoção da Paz e Segurança.

Esta filosofia e princípios reafirmamo-los hoje na evocação do centenário da Grande Guerra.

Nos cento e treze Núcleos existentes, a Liga dos Combatentes apoia diariamente os combatentes no esclarecimento e encaminhamento quer de assuntos de carácter militar do seu interesse, quer no apoio e resolução de problemas de carácter social e da saúde, não esquecendo a cultura, o ensino, o trabalho, o lazer, em quatro palavras, os Valores, a Solidariedade e o Apoio Mútuo. Gostaria de ver melhor reconhecida essa capacidade de resposta e de economia de meios que é intrínseca à Liga dos Combatentes. Sobre as suas atuais atividades permitam-me que fale mais de resultados do que de problemas e transmita a convicção e determinação de que ultrapassaremos as dificuldades que se nos deparam, desenvolvendo os seis Programas Estratégicos e Estruturantes que definimos:

No Programa Liga Solidária, inaugurámos um Complexo Social na cidade do Porto por adaptação do Lar dos Filhos dos Combatentes, com uma residência para seniores, um infantário e uma creche e construímos a Residência S. Nuno de Santa Maria na cidade de Estremoz.

No Programa Conservação das Memórias, para dignificação do lugares onde se encontram inumados militares portugueses em todo o mundo, iniciámos o programa pela Guiné Bissau, efectuando cinco operações, criando um ossário em Bissau e dignificando ali o cemitério, efectuando trasladações para Portugal a pedido das famílias. Seguiu-se Moçambique com sete operações e a constituição de um ossário em Nampula.

Efectuámos igualmente ações em Richebourg e Boulogne-sur-Mer, em S. Tomé e Cabo Verde.

A recuperação e manutenção das três centenas de talhões existentes em Portugal, incluindo a cripta do Alto de S. João, completaram um trabalho permanente de um programa exigente e sem fim.

No Programa Cuidados de Saúde materializámos a criação de dez de Centros de Apoio Médico Psicológico e Social no país para apoio à saúde e apoio social dos combatentes e famílias, nomeadamente no apoio ao stress pós-traumático. Damos relevo ao Protocolo estabelecido com a Ordem Nacional dos Psicólogos e ao aumento das necessidades de apoio à deficiência física e mental e apoio social, sem meios necessários e suficientes, havendo que reduzir despesas e apoios.

No Programa Cultura Cidadania e espírito de Defesa para além dos prémios escolares atribuídos a alunos dos estabelecimentos de ensino militar que se distinguiram nestes âmbitos, assinalo as dezenas exposições levadas a efeito no Museu do Combatente bem como as centenas de exposições organizadas pela DC com acervo próprio, em apoio dos núcleos e em cooperação com as autarquias.

No âmbito do estudo e investigação da guerra do ultramar a continuação da Tertúlia Fim do Império com já 150 sessões e a edição de 25 livros da Coleção com o mesmo nome, em colaboração com a Comissão de História Militar e a Câmara Municipal de Oeiras.

No que se refere ao Programa Modernização e Inovação sublinho a continuação do esforço de dignificação das instalações dos Núcleos e a sua informatização.

Finalmente no Programa Passagem do Testemunho, procurámos, com os Ramos das Forças Armadas e as Forças de Segurança, divulgar os nossos objetivos, verificando-se na prática resultados positivos que se evidenciam pela existência de elementos jovens na Direção de cinquenta por cento núcleos da Liga.

Minhas senhoras e meus Senhores

Somos uma instituição transversal da sociedade portuguesa. Temos membros que vão do sem-abrigo a sua Exa o Presidente da República, do carpinteiro ao engenheiro, do soldado ao general, do agricultor ao empresário. Somos pois, uma instituição complexa onde convergem todas as sensibilidades da sociedade portuguesa. Vivemos e sentimos por isso os problemas que afectam as pessoas e a sociedade em geral. O seu bem-estar

é o nosso bem-estar. A sua tristeza é a nossa tristeza. E com as suas vivências que nos debatemos dia a dia, como qualquer cidadão ou organização nacional. O que nos suporta enquanto Instituição e nos transforma num conjunto coeso e determinado, integrador de todas as sensibilidades, é essa massa aglutinante dos Valores Superiores porque um dia nos batemos e a Solidariedade e o Apoio Mútuo que há cerca de um século praticamos. Enfim, essa eficiente mística, estratégica e taticamente articulada, que resulta da condição de termos sido militares, parte das nossas vidas, ao serviço das Forças Armadas portuguesas.

No nosso caso, combatentes em momentos históricos da vida de Portugal. Temos por isso moral para afirmar que, nas crises como na guerra, é preciso coragem e determinação para vencer, mas as vitórias só terão o seu real valor, se o nosso comportamento for exemplar e a ação, quer estratégica quer tática, conduzida da forma mais humana possível.

## **VESTÍGIOS ACTUAIS RESULTANTES DA PRESENÇA DO SOLDADO PORTUGUÊS EM FRANÇA, DURANTE A GRANDE GUERRA**

Após a Grande Guerra Portugal nunca mais deixou de estar representado em França. Essa representação fez-se ao longo dos anos e faz-se ainda hoje, de forma individual, de forma colectiva e de forma simbólica. De forma individual através dos combatentes que decidiram manter-se em França ou por razões de trabalho ou por razões de família constituída e aqui criaram as suas raízes e a sua descendência. É disso exemplo notório a família da Madame Felícia Assunção, filha do Combatente da Grande Guerra João Assunção, casado com uma cidadã francesa e de quem teve onze filhos. Porta-estandarte da Liga dos Combatentes em Lillers, transmitiria essa missão à sua filha Madame Felícia que ainda hoje com os seus 85 anos é a porta-estandarte da Liga dos Combatentes em França, nas cerimónias oficiais e Presidente do Núcleo de Lillers da Liga dos Combatentes.

Colectivamente porque a Liga dos Combatentes mantém em França, Núcleos presididos por portugueses residentes em França, nomeadamente em Paris (Neuilly sur Sene), Richebourg e Roubaix e Lillers. Simbolicamente, porque mantem em França, 1831 restos mortais de militares, portugueses, em Richebourg, e 44 em Boulogne Sur Mer, mortos na Grande Guerra.

Ainda por que ergueu monumentos em território Francês, evocando e homenageando os portugueses caídos, durante a GG, em Ambleteuse, Boulogne Sur Mer, Richebourg e La Couture.

Termino, sublinhando, após de referir o passado, as excelentes relações actuais entre Portugal e a França, defendendo os mesmos valores, integrando-se nas mesmas organizações civis internacionais e a mesma Aliança Militar.

Toda a vivência comum durante todo o século XX, nomeadamente este sentimento de ter visto Portugal defendendo e morrendo em solo francês pelos mesmos valores que a França, creio, muito têm contribuído para a excelência dessas relações.